

A revisão das regras do Senado

Pedetista quer mudança de costumes e redefinir funções da Casa para ganhar autonomia

LÚCIO ALCÂNTARA

A primeira tarefa dos novos senadores será a transformação do próprio Senado. Sem rever suas regras internas fica difícil ter uma cara nova. Temos que mudar essa história de só trabalhar três dias por semana, e com o voto de liderança, que se banalizou nos últimos anos.

Vamos definir bem as funções do Senado, acabar com essas histórias de gráfica, que parece que só serve a uma curriola. Outro ponto é a duplicação do trabalho do Senado com o da Câmara. O Senado não pode ser apenas um referendador das decisões da Câmara. Ele pode legislar e ser mais autônomo do que atualmente.

A segunda grande tarefa será a

luta por recursos para o Ceará. Nossa atuação continuará a ser centrada nos campos de saúde e educação. Defendemos a educação em tempo integral, como a dos CIEPs, do Rio. Em todos os lugares do País, com outros nomes, essa experiência tem provado que é a mais correta. É a solução para os problemas de criminalidade e abandono de crianças e jovens. Temos que aprovar a Lei de Diretrizes e Bases, porque sem isso ficamos sem uma orientação, uma política geral para a educação.

No campo da saúde, temos que terminar a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), que nunca foi completado. Isso é fundamental para a organização do atendimento médico à população.

Procuraremos aproximar o Senado da comunidade. Hoje os senadores são muito distantes da população. Como representar o Estado, que é a função do senador, sem estar ligado à comunidade? É impossível.

Como nordestino, vou me dedicar também aos problemas do semi-árido, até por uma questão de solidariedade interregional. O Senado é o local por excelência para as articulações regionais e a discussão dos problemas nacionais. Para a solução da questão do semi-árido vamos defender a transposição das águas do Rio São Francisco. Esse é um dos projetos de interesse da nossa região.

Estou preocupado em construir algo de novo no Senado. É possível que haja um choque de estrelas, mas o que precisamos é um choque de democracia. A sociedade vem sinalizando o que quer dos políticos e os caminhos que eles devem seguir. Já sinalizou no momento do Plano Cruzado, quando elegeu os governadores e depois derrotou o candi-

dato a presidente do PMDB. Noutro momento, sinalizou com o impeachment de Collor, que queria ética e moralidade e agora sinaliza pela estabilização. Temos que nos preocupar com a governabilidade.

No PDT temos que passar por uma grande discussão interna. Não que tenhamos que revogar lideranças, como a do governador Brizola, mas é preciso ouvir as novas lideranças que surgem das urnas como

Dante de Oliveira e Jaime Lerner, que têm uma postura mais voltada para a social-democracia. Ainda é cedo para se falar em alianças, é preciso deixar a água baixar, para podermos discutir esse tipo de questão.

■ **Lúcio Alcântara**, ex-vice-governador do Ceará, foi eleito senador pelo PDT-CE

**SAÚDE E
EDUCAÇÃO,
CENTRO DA
ATENÇÃO**